

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 07 de outubro de 2019 às 11h06
Seleção de Notícias

Folha de S.Paulo | BR

Marco regulatório | Anvisa

Senadora se torna porta-voz da Cannabis no Congresso 3
SAÚDE

Zero Hora - Últimas Notícias | RS

05 de outubro de 2019 | Marco regulatório | Anvisa

Ainda sem aval para plantio, mercado da maconha medicinal no país prevê lucro de até R\$ 4,7 bilhões ao ano 6

Senadora se torna porta-voz da Cannabis no Congresso

SAÚDE



'Sem os medicamentos seria tetraplégica acamada', diz Mara Gabrielli (PSDB)

CANNABIS MEDICINAL

Valéria França

A senadora mais votada do Brasil na última eleição, a paulistana Mara Gabrielli (PSDB-SP), 52, tornou-se conhecida por defender causas invisíveis para a maioria das pessoas, como o direito à

acessibilidade e ao tratamento para doenças raras. Recentemente, abraçou outra luta, a mais polêmica: a regulamentação da maconha medicinal.

No último dia 26, durante a sessão da Comissão de Direitos Humanos do Senado para a votação da sugestão n- 6, de plantio e comercialização do cânhamo (Cannabis com concentração elevada de canabidiol, o CBD, e quase zero de THC, substância que causa efeitos psicoativos), Gabrielli expôs detalhes de sua vida e dos benefícios da planta para a sua saúde quando a derrota da matéria parecia certa.



"Sabe por que fiquei de licença?" perguntou ao senador Eduardo Girão (Podemos-CE), que se posicionava contra o uso de THC em medicamentos. "Todo período que eu fiquei sem THC, que me tratei só com CBD, eu desenvolvi uma epilepsia refratária, senador. Foi o que aconteceu comigo porque eu fiquei sem o THC. Eu era uma pessoa deitada, que respirava em uma máquina. E estou aqui para defender o direito de outras pessoas", disse Gabrielli, cadeirante há 25 anos.

A senadora também citou os sucessivos espasmos incontroláveis - contrações involuntárias, que a jogavam para fora da cadeira de rodas que sofreu nos últimos meses e as dores musculares que a impediam

Continuação: Senadora se torna porta-voz da Cannabis no Congresso

de sair de casa.

"Eu estava desesperada. Não podia deixar o Senado dar sinal para a sociedade de que é contra medicamentos à base de Cannabis", disse à Folha.

As crises foram sintomas do que ela chama de epilepsia visceral, desenvolvida depois que ela mudou de medicamento neste ano. Em vez de usar remédios dos EUA que combinavam CBD e THC, recebeu autorização da **Anvisa** (**Agência** Nacional de Vigilância Sanitária) e passou a importar o óleo de CBD puro.

"O CBD não foi bom para mim. Desenvolvi o quadro convulsivo que descreví. Depois recebi prescrição médica para usar o Sativex, medicamento com THC e CBD, registrado no Brasil com o nome Mevatyl. É preciso compreender que cada caso é um caso", afirma. Sem a mistura das duas substâncias, Gabrielli teve convulsões fortíssimas.

"Não posso usar os remédios convencionais para dor porque me tiram do ar, fico sonolenta e sem vontade de fazer qualquer coisa", afirma. "Tudo que uma pessoa paralisada não precisa é mais paralisia na vida."

O depoimento de Gabrielli no Senado virou o jogo e a proposta virou projeto de lei. Depois da votação, muitos senadores foram procurá-la para comentar sobre seu relato tão pessoal, incluindo Girão.

Uma semana antes, Girão entrara com outro projeto de lei que inclui o CBD entre os medicamentos obrigatoriamente distribuídos pelos SUS. A proposta tinha como finalidade enfraquecer a defendida por Gabrielli, de plantio e comercialização do cânhamo (com CBD e THC).

Girão diz acreditar que o Brasil não está pronto para o cultivo da Cannabis. "Falta estrutura fiscal. Não podemos colocar a saúde dos brasileiros em risco. Só existem testes clínicos com o CBD."

Gabrielli defende que o THC não seja demonizado e diz que é preciso ter mais de uma via de administração dos remédios à base de Cannabis. "O projeto de lei do Girão prevê apenas a via oral, mas o óleo inalado tem uma ação mais rápida. Ele é mais intenso, mas fica menos tempo no corpo", diz. "Quando percebo que vou ter uma crise, uso o spray para interrompê-la."

A senadora também chama a atenção para o custo da terapia ao defender a regulamentação. "Eu posso comprar esses medicamentos no exterior porque sou senadora. Tenho um salário que me permite isso." A importação do CBD sai por volta de R\$ 2.000, e a compra do Mevatyl no Brasil custa R\$ 3.000 mensais.

"O [ministro da Cidadania] Osmar Terra precisa entender que não estamos debatendo o uso recreativo, mas um medicamento. O Congresso e o governo não podem fechar os olhos para uma questão de saúde pública", diz Gabrielli, referindo-se aos ataques do ministro à Cannabis medicinal. Ele já afirmou que a regulamentação dos medicamentos podem abrir caminho para a legalização de drogas no país, mas admitiu que o canabidiol pode ter efeito medicinal "em casos raros de epilepsia".

Com o tratamento e os treinos, a lesão medular total de Gabrielli evoluiu para parcial. Em 2016, ela recuperou parte dos movimentos dos braços e passou a dirigir a própria cadeira. "Ser contra a Cannabis medicinal é condenar milhares de pacientes a uma vida de sofrimento. Semeia, seria uma tetraplégica acamada."

-

DIFERENÇAS ENTRE CÂNHAMO E MACONHA

Cânhamo (em inglês hemp)

E uma planta alta e esguia, com poucas ramificações

Continuação: Senadora se torna porta-voz da Cannabis no Congresso

laterais. Toda a estrutura pode ser utilizada para a extração de canabinoides. Tem alto teor de CBD, sem efeito psicoativo, e no máximo 0,3% THC, a substância que causa efeitos psicoativos. O caule e suas fibras são usadas na produção de papel, tecidos, cordas, entre outros. Nos EUA, o óleo de cânhamo e no Canadá é considerado um suplemento alimentar

Maconha

Tem baixa estatura, mais encorpada e com muitas flores - a parte da planta que apresenta níveis bastante elevados de THC. O caule e as fibras não são utilizados. Para maximizar os níveis de THC, ela é comumente cultivada em um ambiente fechado para que as condições como luz, temperatura e umidade possam ser controladas de perto

POTENCIAL TERAPÊUTICO DOS CANNABINOIDES MAIS CONHECIDOS*

CBD

Crises epiléticas/ convulsões

Autismo

Inflamações

Efeitos neuroprotetores

THC

Dor crônica

Espasticidade muscular

Náusea induzida por quimioterapia

Inflamações

Ainda sem aval para plantio, mercado da maconha medicinal no país prevê lucro de até R\$ 4,7 bilhões ao ano

Empresários estão otimistas mesmo diante da desaprovação do Planalto sobre proposta da [Anvisa](#) Sem conexãoEvento do Lide Futuro sobre mercado da maconha medicinal que reuniu empresários do setor em São Paulo em agostoEduardo Knapp / Folhapress

Na recepção, moças de jalecos brancos. Nos balcões, tubos de vidro com líquidos coloridos, em alusão a um ambiente de laboratório científico. Na plateia, empresários. Nada ali lembrava a estrela da noite: a .

No palco, porém, uma frase entregava o objetivo do evento empresarial realizado pelo Lide Futuro em agosto, em São Paulo, e patrocinado por far-

macêuticas voltadas à maconha medicinal: "Cannabusiness: um mercado bilionário".

Sem uma legislação favorável ao plantio da maconha medicinal no Brasil e mesmo diante da desaprovação do Planalto sobre a proposta da [Agência](#) Nacional de Vigilância Sanitária ([Anvisa](#)) de regular o tema, há empresários otimistas e já investindo neste setor no país.

A estimativa de recursos a serem movimentados vai de R\$ 1,1 bilhão a R\$ 4,7 bilhões por ano, segundo estudo das empresas de dados do setor New Frontier e Green Hub.

Índice remissivo de assuntos

Marco regulatório | Anvisa
3, 6